

O BRASIL DE GILBERTO FREYRE EM QUESTÃO

A “democracia racial” no concerto das nações



Gilberto Freyre's Brazil in question: “racial democracy” in the
concert of nations

Cleverson da Silva Fleming dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia | Rio de Janeiro, Brasil
cleverson.pact@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-0805-2601

SILVA, Alex Gomes da. 2019. *Gilberto Freyre no Pós-Guerra: por um modelo alternativo de civilização*. São Paulo: Editora Unifesp. 312 p.

É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo (Italo Calvino. Por que ler os clássicos. 2007: 15).

A dinâmica das relações raciais é assunto tenaz entre os apresentados nas obras de interpretação do Brasil¹. Em evidência desde as primeiras

¹ Ver, por exemplo, *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado; *Raça e Assimilação* (1932), de Oliveira Vianna; *Casa-Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936), de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior.

sugestões² sobre as necessidades de se mobilizarem os instrumentais da antropologia e da sociologia, para compreensões em torno das especificidades socioculturais brasileiras, o tema se mantém atual, sobretudo, ao se constatar a prevalência do racismo entre as diversas desigualdades observadas no país. Neste sentido, examinar os escritos hoje tidos como clássicos do pensamento sócio-antropológico brasileiro pode ser exercício interessante para a imaginação científica, justamente, por eles despertarem percepções sobre as dimensões históricas compreendidas nesses dilemas.

Paradoxalmente, além de induzirem à consciência de nosso “lugar próprio numa continuidade cultural”³, esses textos raramente deixam-se desperceber por também terem rompido com certos paradigmas, deslocando pensamentos acerca dos problemas e indagações enfrentados em suas épocas. Por consequência, verifica-se o mar de discursos que atraíram – e ainda atraem – sobre si. E, isso, não necessariamente por que eles ensinem algo novo. Muitas vezes em suas (re)leituras só é possível constatar aquilo que tacitamente já se sabia, ou mesmo se acreditava saber, mas, que pela abordagem pioneira, provocam-nos surpresas pelas maneiras com que o fizeram⁴ – o que, em larga medida, resulta naquelas muitas satisfações obtidas ao se tomá-los como objeto de pesquisa. Outro fator que se pode incluir na defesa da importância dessas obras, diz respeito à gramática teórico-metodológica que ajudaram a constituir, e que hoje utilizamos nos processos crítico-dialógicos envolvidos na produção de conhecimento.

Lido nessa chave interpretativa, o livro de Alex Gomes da Silva, *Gilberto Freyre no Pós-Guerra: por um modelo alternativo de civilização* (2019) elucida aspectos ainda pouco explorados acerca do pensamento freyreano. Por exemplo, o das questões que interpelaram o sociólogo pernambucano, no momento em que utilizou

² (Vianna 1952: 11-14).

³ (Calvino 2007 p. 14).

⁴ (Idem p. 12).

a polêmica noção “democracia racial”. Se, por um lado, a expressão teria lhe rendido incisivas reprovações a partir da década de 1950; por outro lado, contemplar essa faceta de sua trajetória, por meio das reflexões de Alex Silva, permite captar as pertinências e limites das recorrentes críticas que vincularam o termo à *Casa-Grande & Senzala* (1933)⁵. Considerando as atuações políticas e intelectuais de Freyre, Silva fornece bons elementos de contextualização do pensamento do autor – procedimento importante, em vista dos possíveis erros de paralaxe, tão comuns, aos que se propõem examinar escritos clássicos.

Resultado dos debates ocorridos no Grupo de Estudos sobre a Guerra Fria, e de sua tese de doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP), o livro foi organizado em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “A Tradição Luso-Hispânica como Condutora das Relações Raciais nos Trópicos. A Defesa do Iberismo: Diálogos com a Crítica”, avalia os sentidos atribuídos por Gilberto Freyre à presença ibérica na formação da sociedade brasileira, articulando-os as suas atuações no plano internacional e a recepção de suas ideias, por críticos nacionais e estrangeiros.

Ademais, em perspectiva comparada ao contexto de produção de *CG&S*, demonstra como, a partir do pós-guerra, sem modificar os discursos presentes em sua obra magna, Gilberto Freyre passará a redimensioná-los em razão dos problemas colocados pela “época”, abraçando “nova perspectiva”.⁶ Se, ao produzir o livro de 1933, a preocupação de Freyre estaria, sobretudo, em, por meio do exame do passado brasileiro, caracterizar os aspectos que melhor exprimiriam a formação da cultura nacional, entre eles, o da miscigenação, o da interpenetração de culturas e seus elementos conflitantes;⁷ a partir dos anos 1950, a questão em que

⁵ Doravante *CG&S*.

⁶ (SILVA 2019: 90-91).

⁷ (Freyre 2004).

mais se empenhou foi a de discutir o do lugar ocupado pelo Brasil, em particular, e a América Latina, de maneira geral, no concerto das nações. A contar desse momento, seus estudos “têm como foco a análise do futuro dos povos tropicais em meio ao conflito entre ‘culturas imperiais’”, ressaltando as pressões exercidas pelos Estados Unidos e União Soviética, que, nessa época, disputavam a demarcação de suas áreas de influência sobre os demais países do globo.⁸ Assim, mais do que qualificar as discriminações raciais internas ao país, os debates realizados por Freyre estiveram concentrados nos dilemas geopolíticos internacionais.

O capítulo seguinte, “O Brasil como Líder da Civilização Tropical. A Ação da Cultura Luso-Hispânica no Pós-guerra”, concentra a análise nas reações de Gilberto Freyre às agendas culturais dessas “potências imperiais”⁹:

Freyre entende que o “estudo do passado lusitano” concorreria para a criação do ânimo necessário para combater os elementos externos que agiam contra “nossa cultura”. Portanto, seria voltando-se para sua própria cultura que o Brasil encontraria os recursos que possibilitariam a defesa contra as ações imperialistas animadas pelo “ideal de reduzir os homens” considerados “física e culturalmente inferiores” em seus “vassalos” e “servos”.¹⁰

Neste percurso, comparando pelo ponto de vista das relações raciais as experiências brasileira, estadunidense e sul-africana, Freyre defendeu a ideia de que o Brasil, em razão de seu caráter pouco afeito a sectarismos étnicos – traço ibérico de sua formação cultural –, serviria como exemplo para a formulação de soluções acerca dos conflitos observados nessas outras nações. Entre os textos apontados por Alex Silva em que melhor se apresentaram essas concepções, destaca-se o artigo *A propósito da política cultural do Brasil na América* (1941), que compõe a coletânea *Americanidade e latinidade da América Latina e outros Textos afins* (1942). Nele,

⁸ (Idem).

⁹ (SILVA 2019: 37).

¹⁰ (SILVA 2019: 111).

Gilberto Freyre chegou, inclusive, a sugerir de que modo Getúlio Vargas poderia conduzir a política externa, tornando-se “o animador de uma política de cultura interamericana” que fosse

(...) ao mesmo tempo um movimento unionista e pluralista, ecologista e universalista, continentalista e regionalista; uma combinação, em suma, das vantagens da unidade e da integração do homem no meio com as vantagens da diversidade e da variedade.¹¹

Frente às políticas imperialistas, o “Brasil genuíno”, segundo Freyre, seria “aquele marcado para sempre pelo português, pelo índio, pelo negro”, embora isso não equivalesse a um “ideal de exclusividade de raça ou de cultura”. De outro modo, representava “uma resposta aos planos de uniformidade cultural do continente”.¹²

O terceiro capítulo, “Freyre e a Questão Racial no Pós-guerra. As relações Raciais no Brasil como Resultado da Presença Ibérica na Formação da Sociedade Brasileira”, põe em tela como Gilberto Freyre concebeu o papel desempenhado pelo Brasil, em torno da questão racial. Além da análise de *Aventura e Rotina* (2010) e de *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (1953), produzidos por Freyre a partir de suas observações nas viagens financiadas e supervisionadas pelo governo salazarista, Alex Silva também examinou um dos textos convertidos em “componente basilar da propaganda colonial portuguesa”¹³: o relatório “Elimination des conflits et tensions entre les races: méthodes employées dans diverse pays notamment ceux où les conditions se rapprochent le plus de la situation dans l’Union Sud-Africaine” (1954), escrito pelo pernambucano para compor o *II Relatório da Comissão das Nações Unidas para o Estudo da Situação na África do Sul*.

(...) o documento é sugestivo não apenas por enfatizar uma das faces assumida pela obra de Freyre, isto é, servir de suporte ideológico ao projeto político português de

¹¹ (Freyre 1942: 45-46 apud. SILVA 2019: 121).

¹² (SILVA 2019: 125; Idem; Ibid.; Ibid.).

¹³ (SILVA 2019: 222).

manutenção das colônias africanas, mas também por revelar sua tendência para, em diálogo com a dinâmica suscitada pela bipolaridade Estados Unidos *versus* União Soviética, apresentar a “experiência católica” e o iberismo do Brasil, em particular, e da América Latina, em geral, como elementos constitutivos de uma proposta de modelo de civilização, que possuía como um de seus atributos mais expressivos o fato de ter chegado a uma solução harmônica para os problemas raciais.¹⁴

O último capítulo, “Legado Ibérico: O Brasil como ‘Terceira Força Cultural’ e Proposta de Modelo de Civilização no Pós-guerra”, analisa, como, entre as décadas de 1950 e 1960, em suas incursões na diplomacia internacional, Gilberto Freyre teria atuado para o reconhecimento do legado ibérico, entre os elementos culturais que constituintes do “grande complexo civilizacional luso-hispanotropical” brasileiro. Iberismo, que, resultando nas maneiras pacíficas pelas quais o Brasil conduziria seus problemas raciais, concorreria, de acordo com o sociólogo, para estabelecer a sua posição de liderança entre os países de formação semelhante, servindo-lhes, ainda, como exemplo para a solução de seus dilemas raciais.¹⁵

Em síntese, ao explorar com densidade historiográfica a trajetória intelectual de Gilberto Freyre no pós-guerra, o livro de Alex Silva fornece elementos que, do ponto de vista substantivo, propiciam aos seus leitores compreender e qualificar o panorama do debate que se estabeleceu em torno das relações raciais no país. Contextualizando os dilemas que interpelaram Gilberto Freyre em suas reflexões, traz entendimentos sobre, como, a noção de “democracia racial” empregada em seus discursos uma década após a publicação de *CG&S*, foi mobilizada em suas análises sobre a dinâmica internacional, recebendo distintos vieses daqueles que, até então, a crítica nacional pousou maiores atenções. Ao resgate dos valores culturais ibéricos, Gilberto Freyre deu o sentido de explorá-los enquanto soluções para os conflitos raciais observados, sobretudo, nos Estados

¹⁴ (Idem).

¹⁵ (SILVA 2019, p. 289).

Unidos e na África do Sul, bem como para a crise que se abatera sobre a “civilização capitalista e econômica” estadunidense, que, naquele momento, ameaçava os povos latino-americanos. Assim, mais do que se voltar para o passado e negar os nossos preconceitos raciais, a partir da década de 1950, seu olhar teria como referência o futuro lugar do país no concerto das nações, bem como o reconhecimento de suas possíveis contribuições culturais para o relacionamento entre os povos.

Tendo em vista os ruídos suscitados pelo choque entre esses ideais e a aproximação de Freyre com o regime salazarista, e, posteriormente ao período analisado, sua adesão à Ditadura de 1964, indubitavelmente, o livro de Alex Silva traz elementos heurísticos para reflexões dedicadas à compreensão, não somente das contradições inerentes à vida e obra do mestre de Apipucos, mas, também, aos contornos de um dos debates mais tenazes do pensamento sócio-antropológico brasileiro. Que, por dizer muito a respeito dos embargos aos processos de democratização do país, me parece, continuará relevante ainda por muito tempo.

Referências Bibliográficas

- CALVINO, Italo. 2007. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREYRE, Gilberto. 2004a. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Editora Global.
- _____. 2004b. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Editora Global.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 2010. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PRADO, Paulo. 1981. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Ibrasa.
- PRADO JÚNIOR, Caio. 1997. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- VIANNA, Oliveira. 1952. *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

_____. 1934. *Raça e Assimilação*. São Paulo:
Companhia Editora Nacional.

Enviado: 05/10/2021
Aceito: 26/10/2021